

Mão de obra precária e irregularidade fundiária de chácaras e fazendas obrigam a capital a trazer de fora a maioria dos produtos, o que resulta em alta dos preços

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press - 12/9/13



Itens chegam ao Ceasa de Brasília com reajustes entre 20% e 35%, devido a componentes como o transporte

# DF importa mais de 70% dos alimentos

» ALMIRO MARCOS  
» THAÍS PARANHOS

Da próxima vez que você almoçar ou fizer um lanche, esteja certo de que bananas, maçãs, abacaxis, uvas, batatas, cebolas, aves e ovos em seu prato vieram de longe. De 10 alimentos vendidos no Distrito Federal, ao menos sete são produzidos em outras unidades da Federação, segundo as Centrais de Abastecimento do DF (Ceasa-DF). Vindos de municípios de Goiás, Minas Gerais, Bahia e até do Paraná, esses produtos chegam ao consumidor brasiliense com preços até 35% mais caros que os praticados na origem.

Os produtores rurais do DF convivem com problemas como falta de regularização fundiária, que leva a dificuldades de captação de recursos para desenvolver a atividade, e a ausência de mão de obra, somados ainda à descaracterização das áreas rurais. Esse e outros problemas enfrentados por quem mora fora da área urbana da capital são temas da série de reportagens que o Correio publica desde domingo.

O presidente da Ceasa-DF, Wilder da Silva Santos, reconhece que a concorrência com os produtores de fora é muito grande. “Nosso pessoal não consegue incrementar a produção por conta das dificuldades de acesso ao crédito. Isso tem relação com a falta de regularização das terras, que ainda está sendo executada pelo governo. Historicamente, a Ceasa sempre recebeu mais produtos de fora”, explica.

Um produto vindo de mais distante custará mais caro. Na ponta do lápis, as contas de especialistas confirmam isso. A equação que leva em consideração pontos como distância, custos com motorista e caminhão e tipo de produto — se é perecível ou não —, indica um aumento entre 20% e 35% no preço final do alimento. “Quanto mais longe, maior será o valor. O frete encarece os custos. Se a maior parte fosse produzida aqui, com certeza poderia ficar mais barato”, explica Sérgio Ronaldo Granemann, doutor em transporte e logística e

## Seca atípica

Período de estiagem que ocorre em uma época do ano tipicamente chuvosa. Além da falta de chuva, é marcado ainda por altas temperaturas. Na região do cerrado brasileiro, normalmente acontece nos primeiros meses (entre janeiro e fevereiro) e chega a durar até 30 dias. É responsável por afetar bastante a agricultura.



**Quanto mais longe, maior será o valor. O frete encarece os custos. Se a maior parte fosse produzida aqui, com certeza poderia ficar mais barato”**

**Sérgio Ronaldo Granemann, professor da UnB**

professor titular da Universidade de Brasília (UnB).

A equação que prejudica o consumidor tem origem no setor produtivo. Além de impedir o incremento da atividade agropecuária, pode provocar, inclusive, perdas. Dono de uma propriedade no Núcleo Rural Sobradinho I, área pertencente à União, Raimundo Nonato Mendonça Rabelo, 69 anos, encontra dificuldades para desenvolver a agricultura devido à falta de uma escritura. A prova disso é que ele perdeu uma área equivalente a 12 hectares em produção de milho na última safra e teve um prejuízo que supe-

rou R\$ 17 mil. Cada hectare equivale a um campo de futebol.

“Sofremos com o veranico em janeiro e, se tivesse financiamento, poderia ter melhorado o sistema de irrigação. Esse dinheiro seria usado para pagar os funcionários e investir na propriedade”, queixa-se. Rabelo conta que quem tem pretensões de melhorar e aumentar a produtividade deve fazer com dinheiro próprio. “A gente ajuda a alimentar a população e a desenvolver o setor no DF. Gostariamos que o GDF e a União dessem a mesma atenção à área rural dispensada à urbana”, completa. Ele planta milho, mandioca, abóbora e cana, além de ter criação de bovinos, suínos e aves. Os alimentos são vendidos lá mesmo.

Secretário de Agricultura do DF, Lúcio Valadão reconhece que a histórica desordem fundiária no DF atrapalha o desenvolvimento do setor. “O crédito rural aumentou nos últimos três anos, o acesso também, tanto para atividades de custeio como de investimento, mas não para melhorias fixas ao solo, uma vez que a falta de escritura não permite ao agricultor dar a terra como garantia. Hoje são R\$ 190 milhões, mas poderia ser muito mais, em torno de R\$ 300 milhões”, disse.

## Metade

A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do DF (Emater) tem uma percepção diferente e calcula em meio a meio o consumo da produção local com a que vem de fora. “Em folhagens, por exemplo, já somos autossuficientes”, afirma o diretor executivo da estatal, Carlos Antonio Banci. Ele lembra que muita gente faz a venda direta para redes de supermercados, restaurantes e feiras. O órgão, no entanto, não forneceu dados atualizados a respeito disso, ao contrário do Ceasa, que tem informações praticamente mensais. As Centrais de Abastecimento confirmam pelo menos uma tese da Emater, mostrando que 72% das folhagens que passaram pela unidade em 2013 foram produzidas no DF.

## Entraves para o desenvolvimento

- Problemas com a titularidade da terra
- Dificuldade de investimentos
- Falta de mão de obra
- Desvio de uso rural para urbano

## Equação desigual

Maior parte dos produtos vendidos no DF vem de fora, apesar da grande área cultivável

## Produção agropecuária do DF (2012)

### Agricultura

Produto	Área plantada (ha)	Produção (toneladas)
Grandes culturas*	143.694,43	918.201,86
Hortaliças**	8.679,85	233.578,68
Frutas***	1.937,46	38.479,32

### Pecuária

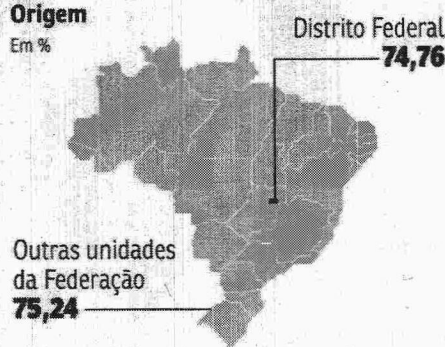
Tipo	Rebanho (cabeças)	Produção (t de carne)	Produção
Aves	39.242.642	84.349,85	1.596.382 (dúzias de ovos)
Bovinos	51.992	4.618,92	24.570.104 (litros de leite)
Caprinos	789	8,42	62.153 (litros de leite)
Suínos	165.810	15.301,49	-
Ovínos	11.052	147,95	-

### Outros

Psicultura	1.321,6 toneladas de carne
Apicultura	13 toneladas de mel

## Venda de produtos (2013)

Origem  
Em %



### Maiores proporções de importados(%)

Mamão papaia	99,4
Maçã nacional	99,2
Batata lisa	99,2
Banana-nanica	98,5
Banana-prata	97,4
Aves e ovos	97
Mamão-formosa	96,7
Abacaxi-pérola	96,4
Uva-rubi	95,4
Uva niágara	94,6
Cebola roxa	94,6
Banana-da-terra	94,5
Pimentão vermelho	93,9
Manga tommy	93,9
Melancia	93,2
Manga haden	92,4
Manga palmer	91,4
Pimentão amarelo	91,2
Maçã-gala	91
Cebola	88

(\*) Café, feijão, milho, soja, sorgo e trigo são as principais.

(\*\*) Alface, batata, beterraba, cenoura, milho verde, pimentão e tomate são os mais comuns.

(\*\*\*) Banana, goiaba, laranja, limão, maracujá e tangerina são as principais.

(\*\*\*\*) Número inclui todos os produtos comercializados pelo Ceasa.

Fontes: Emater (produção) e Ceasa (venda)

Editoria de Arte/CB/D. A Press